

ARQUIBANCADA FEMININA.

A relação de gênero e a ascensão feminina nas arquibancadas do Rio de Janeiro.

NATHÁLIA FERNANDES PESSANHA.*

RESUMO:

Os anos 1960 chegaram trazendo diversas modificações às sociedades brasileira e mundial: movimentos de juventude, golpes políticos, instituição de novos paradigmas. As mudanças causadas pelos movimentos que estouraram durante esta década proporcionaram reflexos imediatos, como a influência na historiografia, e traz reflexos até hoje, como o movimento feminista e a emancipação feminina cada vez mais frequente. Essas modificações permitiram às mulheres ocupar espaços que antes lhes eram vedados e participar cada vez mais da vida pública. Alguns desses espaços ocupados pelas mulheres são as torcidas de futebol cariocas que, desde sua fundação e incentivadas com a criação das Jovens nos anos 1960, vem tendo cada vez mais adeptas e participantes.

PALAVRAS-CHAVE:

Mulher, Futebol, Torcidas.

ABSTRACT:

The 1960s brought several changes to Brazilian and world societies: youth movements, political coups, the institution of new paradigms. The changes brought about by the movements that erupted during this decade provided immediate reflexes, such as the influence on historiography, and bring reflexes to this day, such as the feminist movement and women's increasingly frequent emancipation. These changes allowed women to occupy spaces that were previously closed to them and to participate more and more in public life. Some of these spaces occupied by women are the Rio de Janeiro soccer fans who, since its foundation and encouraged by the creation of the Youth in the 1960s, has been increasingly supporters and participants.

KEY WORDS:

Woman, Soccer, Soccer fans.

* Mestranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense.

INTRODUÇÃO.

Os anos 1960 foram anos de muita efervescência protagonizadas, sobretudo, pelas juventudes no Brasil e no mundo. A guerra do Vietnã, a Revolução cubana, advenços como a pílula anticoncepcional entre outros eventos e fatores contribuíram para a irrupção de movimentos da juventude ao redor do globo.

No Brasil, os movimentos da juventude de 1960 tiveram suas lideranças no movimento estudantil, que realizavam, sobretudo nos anos pré AI-5, diversas passeatas, congressos e movimentos, pedindo reformas universitárias e pleiteando mais conquistas para a juventude. Uma das maneiras de sociabilidade dessa juventude, ao menos da juventude carioca, era a participação nas torcidas pelos clubes de futebol do Rio de Janeiro. Acompanhar seu time era, além de um momento de lazer e divertimento, uma forma de sociabilização. Essa juventude torcedora carioca funda, em fins dos anos 1960, influenciados pelo furor e a mística que envolvia a juventude mundial, uma nova forma de torcida, chamadas de Torcidas Jovens.

Também nos anos sessenta acontecia o momento chamado de ‘segunda onda’ feminista. No Brasil e no mundo milhares de mulheres se reuniam e buscavam fazer ouvir suas vozes também através de passeatas e manifestações que buscavam igualdade, visibilidade e pleiteavam suas bandeiras de maneira pacífica e não armada.

Já na década de 1980, quando o regime militar que se instaurara no país perdia um pouco sua força, as manifestações da juventude puderam ser mais explícitas, e fizeram uso, muitas vezes, do futebol como um espaço político. Um exemplo disso foi o episódio que ficou conhecido como “Democracia Corinthiana”, no qual os jogadores, em um primeiro momento, e posteriormente os torcedores, pediam um ambiente mais democrático dentro do clube, onde todos tivessem direito à voz e voto. Movimento esse que se enquadrou em um campo maior de manifestações pelas Diretas Já! E que teve alguns de seus líderes se posicionando publicamente a favor das Diretas.¹

Também na década de 1980, e embebidos do novo contexto histórico, sobretudo devido à alta taxa inflacionária que assolava o país, após a derrocada do ‘milagre econômico’ da ditadura militar, líderes de torcidas do Rio de Janeiro criam a ASTORJ

1 Cf. ACCORSI, Ana Cláudia; PESSANHA, Nathália Fernandes; SOUZA, Mateus Henrique de; TAVARES, Gabriel Félix. **Indiretamente pelas Diretas! A Democracia Corinthiana no Conjunto de Manifestações pelas Diretas Já!**. Revista Cantareira. Jul-Dez,2017.

(Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro) que pleiteavam, entre outras coisas, a redução no preço dos ingressos.

Desde então, a presença feminina nas arquibancadas do Rio de Janeiro se faz cada vez mais efetiva e efusiva. Seja como torcedoras comuns (não organizadas), que vão ao estádio torcer pelo seu time, porém não possuem nenhum vínculo direto com as torcidas, seja se associando a alguma torcida organizada e tendo uma participação mais efetiva na vida do clube e da torcida, a presença feminina nas torcidas levou à criação de pelotões femininos nas torcidas mistas, como a ‘Jovem Fla Pelotão feminino’ (torcida do Flamengo), ou ainda a criação de torcidas inteiramente femininas, como é o caso da Flu Mulher (Torcida do Fluminense), criada em 2006.

Recentemente, foi criado um grupo, inicialmente virtual, organizado por páginas do Facebook, que depois realizou encontros presenciais, chamado ‘Mulheres de Arquibancada’. Movimento esse de âmbito nacional e que busca reunir torcedoras de diversos clubes brasileiros para debater temas presentes nas arquibancadas, como o machismo, o preconceito e a exclusão. Esse movimento, que, grosso modo, pode ser percebido como uma versão atual e feminina da ASTORJ, reúne torcedoras de times rivais, muitas vezes de uma mesma cidade, para debater temas comuns a todas.

Nesse sentido, é proposta desse trabalho perceber a forma como os movimentos da década de 1960 no Brasil e no mundo embeberam a juventude de um potencial revolucionário, culminando em diferentes formas de organização, inclusive no âmbito do futebol. De forma concomitante, os movimentos feministas da segunda onda se faziam presentes na sociedade, influenciando os movimentos sociais e a historiografia a perceber o papel e voz das mulheres em diversos lugares, dentre eles, as torcidas organizadas. Torcidas essas, que cada vez mais veem as mulheres adentrarem seus agrupamentos e se fazerem cada vez mais vistas e ouvidas.

1960 EM FOCO: MOVIMENTOS DA JUVENTUDE NO MUNDO E NO BRASIL.

Como todo e qualquer acontecimento na história, os acontecimentos dos anos 1960, sobretudo de 1968, no Brasil e no mundo, devem ser pensados considerando-se experiências anteriores, que possam ter deixado legados para os movimentos vindouros. Em fins dos anos 1950, a Revolução cubana mostrava ao mundo que era possível realizar um movimento de caráter socialista nas Américas, assim como, em 1962, a

independência da Argélia ratificava que o continente africano também poderia ser palco de diversas manifestações e revoluções. Além destes, a guerra do Vietnã expunha a força dos vietnamitas e colocava em cheque o poderio bélico norte-americano. Todos esses movimentos contribuíram para a eclosão dos movimentos de 1968 mundo a fora.

Na França, a década de 1960 aparentava ser uma década pacata para a sociedade francesa, contudo, após a libertação da Argélia e com o início dos movimentos de 1968, essa inércia começou a ser questionada. O maio francês chegou trazendo manifestações estudantis ao país europeu. Manifestações essas que, segundo Ridenti (2002), até hoje são motivos de dúvidas e debates quanto às suas motivações. Essas movimentações inauguraram na França um tipo novo de manifestação, independente da tutela de partidos ou organizações políticas.

No Brasil, a década de 1960 foi um período conturbado desde seus anos iniciais. Marcada por um golpe civil-militar que tomou o governo nacional no início da década, depondo um presidente eleito e instaurando no país um regime ditatorial, a sociedade brasileira na época vivia um momento de supressão de direitos e liberdades, agravados com a promulgação, no final do ano de 1968, do Ato Institucional nº5, que entre outras disposições estabelecia a censura à imprensa e um aumento na repressão aos ‘inimigos do regime’. Em terras tupiniquins, o ano de 1968 assistiu, portanto, a diversas manifestações estudantis, muitas delas capitaneadas pela União Nacional dos Estudantes (UNE), que culminaram em mortes e prisões de muitos de seus participantes, levando inclusive ao impedimento da realização do 30º congresso da UNE, marcado para o final daquele ano.²

Para Ridenti, a rápida expansão das notícias sobre os movimentos ao redor do mundo pode ser considerada como um dos aspectos para se entender a proximidade cronológica dos movimentos em tão distintas localizações geográficas. Segundo ele, a popularidade de meios de comunicação como a televisão, apesar de ter crescido muito na década seguinte, já era considerável nos anos 1960. Nos E.U.A, em 1968, a presença de televisão nas casas já era enorme.

2 Sobre a atuação do movimento estudantil: Cf. MULLER, Angélica. **A resistência do movimento estudantil Brasileiro contra o regime ditatorial e o retorno da UNE à cena pública (1969-1979)**. Universidade de São Paulo. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Tese de Doutorado. 139 pgs. 2010.

Sobre o Massacre da Rua Augusta e o 30º congresso da UNE: Cf. VALLE, Maria Ribeiro do. **As representações da violência nos episódios estudantis de 1968**. Mediações, revista de ciências sociais, 2008.

Diante desse panorama, é interessante perceber que as sociedades não se resumiam de maneira fácil para aqueles que buscavam estudá-las. Eram sociedades complexas, com pleitos sociais e políticos amplos e diversos, que incorporavam variadas pautas, e lutavam diferentes lutas. Os movimentos negros, gays, de mulheres ou qualquer outro considerado como de ‘minorias’ ganhavam grande palco ao redor do mundo à época, fazendo com que suas reivindicações e suas vozes fossem ouvidas.

O MOVIMENTO FEMINISTA DE SEGUNDA ONDA E A MUDANÇA NA PERSPECTIVA DE PESQUISA HISTÓRICA.

Um dos movimentos integrantes das pautas dos anos 1960 era o movimento de mulheres. Partícipe das manifestações de 1968 em todo o globo, o movimento das mulheres, ou o movimento feminista, como é conhecido, trazia suas pautas para dentro das questões de 1968, buscando mudar as bases sociais de maneira molecular e permanente. O chamado movimento feminista costuma ser dividido por ondas, que seriam os períodos nos quais os movimentos de mulheres ganham mais efervescência. A primeira onda do feminismo data de meados do século XIX, e tinha como pautas principais direitos políticos, como o direito ao voto. O feminismo de ‘segunda onda’ que teve origem no momento pós-segunda guerra mundial tinha como pauta questões do corpo, do prazer e contra o patriarcado, tendo como lema a frase: “o privado é político”.

É esse movimento que vai integrar as questões e pautas de 1968, buscando não só melhorias nas condições de vida das mulheres, mas também renovações em todos os âmbitos da sociedade.

Segundo a autora Joana Maria Pedro (2008), os movimentos de 1968 no Brasil e no mundo, possuíam como característica a estratégia de escrever pelos muros das cidades frases de efeito, que revelavam seus pensamentos e posições perante o ambiente político vigente. O movimento feminista não fazia diferente, escrevendo em muros suas aspirações e frases de efeito contra o machismo e o patriarcado. Para essa autora, o feminismo de segunda onda construiu uma “fraseologia” que tentava indicar e explicar através das palavras a subordinação das mulheres.

A eclosão do movimento feminista nos anos sessenta, assim como todos os outros movimentos, bebe também de movimentos anteriores e das conjunturas sociais da época. A liberação da pílula anticoncepcional, que primeiramente havia sido um experimento para evitar um grande crescimento populacional, sobretudo de negros e

pobres, teve o efeito reverso de contribuir para uma maior emancipação feminina e domínio sobre o seu corpo, já que dissociava a relação, antes direta, entre sexo e procriação.

Além disso, para Pedro, a inserção cada vez maior de mulheres de classe média nos cursos superiores, sobretudo de artes e humanidades, cursos esses onde começavam a maioria dos movimentos estudantis contribuiu não só para a ascensão do movimento feminista, como também para mostrar que as mulheres estavam presentes nas manifestações de 1968, ainda que grande parte da historiografia silencie este fato. Para a autora, a presença das mulheres nas universidades demonstra que “o movimento estudantil de 1968 tinha dois sexos” (PEDRO, 2008. p.65).

No Brasil, em 1968, diferente do que acontecia nos Estados Unidos e em muitos países da Europa, ainda era muito difícil falar sobre um movimento feminista consolidado. Apesar disso, segundo Pedro, o país já vivia um momento de discussão sobre a questão da mulher e a subjugação feminina, que culminaria no movimento feminista brasileiro na década seguinte.

Contudo, nos países onde o feminismo se fazia presente, a luta pela libertação das mulheres culminava na criação de diversos atos e movimentos. Como o ato que ficou mundialmente conhecido como a ‘queima de sutiãs’, mas que, segundo a autora, simbolizava na verdade, a destruição dos padrões sociais de distinção de gênero vigentes. Para Pedro,

O movimento de mulheres foi formado por inúmeras tendências, muitas delas semelhantes àquelas que participavam de todas as agitações de 1968. Assim, mulheres dos três principais grupos, que constituíam as lutas gerais da época, ou seja: os negros, os estudantes e os jovens, também participavam do Movimento de Libertação das Mulheres. Elas, entretanto, se consideravam mais internacionais que qualquer grupo político; porém, diziam que a sua opressão ocorria na área mais restrita e concreta: o lar. (PEDRO, 2006. pgs 66/67).

Nesse sentido, os movimentos do feminismo de segunda onda, diferentemente daqueles de primeira onda, caracterizavam-se pelo seu diálogo com outros movimentos sociais, que tinham como pauta lutar contra a opressão, seja ela da forma que for.

Os movimentos feministas contribuíram também para uma modificação na perspectiva historiográfica vigente. Concomitantemente com a propagação dos ideais do feminismo de segunda onda, a disciplina histórica passava por uma renovação e tinha alguns de seus parâmetros principais questionados. A relação entre a renovação da historiografia, enquanto campo acadêmico, e do feminismo, enquanto campo de atuação política, contribuiu para a ascensão de uma nova perspectiva historiográfica: a História das Mulheres.

A emergência da história das mulheres como um campo de estudo, portanto, acompanha as demandas feministas por ampliação de seus campos de trabalho ao mesmo tempo em que expande os limites da história. A maior parte das historiadoras das mulheres buscavam incluir as mulheres como sujeitos e agentes históricos, embora se considerasse que isso significaria mudar as bases em que se encontrava as pesquisas historiográficas. Enquadrar as mulheres como agentes da história significa questionar a definição de sujeito universal até então vigente – homem branco – e perceber que é necessário estudar os sujeitos de maneira relacional, o que ia de encontro aos parâmetros já estabelecidos como verdadeiros.

Segundo Michele Perrot (2017), ao longo do tempo a história das mulheres mudou. Inicialmente o interesse de pesquisa volta-se para o âmbito privado, uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida doméstica. Posteriormente, esse interesse passou a ser sobre a atuação das mulheres na vida pública, no espaço da cidade, do trabalho, da guerra. Partiu da história das mulheres vítimas para uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam mudanças. Essa mudança de interesse contribuiu para uma maior força da nova modalidade histórica, fazendo com que a História das mulheres ganhasse espaço e importância, culminado no surgimento de diversos congressos e grupos de estudo sobre as mulheres ao redor do mundo.

Outra questão que foi questionada através do diálogo entre a pesquisa das mulheres e o movimento feminista foi a ideia de universalidade feminina. Muitos historiadores sociais supunham a categoria mulheres como homogênea e una. Essa leitura, segundo Soihet e Pedro, contribuiu para um discurso de “identidade coletiva” que favoreceu o movimento das mulheres na década de 1970, já no final dessa década, contudo, tensões se instauraram, tanto no interior da disciplina histórica quanto no interior do movimento feminista. Essas tensões questionavam, sobretudo, a viabilidade

da categoria universal “mulheres” e buscavam introduzir a diferença no seio das pesquisas e do movimento como uma questão de análise.

A partir da compreensão, não só da existência das diferenças, mas da importância dessas, a historiografia baseada nas mulheres começou a deixar de lado a ideia de identidade coletiva, e de trabalhar com a categoria mulheres como um sistema único e indivisível. A partir da percepção da diferença a identidade individual, ou de subgrupos dentro do grupo mulheres passou a ser melhor estudada e entendida. Não só de maneira separada, mas de maneira relacional, percebendo a construção da identidade também como uma relação de alteridade, onde o eu se constrói a partir do contato com o outro.

Nesse sentido, “gênero” foi o termo usado para pensar as diferenças entre os sexos. Os estudos de gênero ganham força dentro da historiografia feminista e sobre as mulheres. A introdução dessa categoria, segundo Andrea Gonçalves (2015) desafiou os estudos sobre as mulheres a levar em consideração o aspecto de que a construção das identidades femininas só poderia se processar em relação às identidades masculinas, fosse por oposição, através de formas hierarquizadas com acento nas desigualdades, ou levando em conta apenas as diferenças.

Diante disso, os movimentos feministas e a renovação da história, com a inclusão da história das mulheres e dos estudos de gênero possibilitaram não só o maior conhecimento dos feitos das mulheres enquanto agentes históricos, ou sua colocação política dentro da carreira de historiadoras, mas também permitiram a toda a historiografia atentar para novas maneiras de análise e temáticas de interesse. O cotidiano passou a ser um tema importante, assim como os aspectos culturais da vida em sociedade. A saída das mulheres do espaço privado para adentrar o espaço público contribuiu para a percepção de suas ações e manifestações em diversos campos políticos, culturais, sociais, entre eles, os esportes. A pesquisa sobre os esportes, e sobre o futebol, que antes seria impensada, surge como um novo campo e possibilita aos historiadores interessados pensar a sociedade através de novas óticas.

As torcidas de futebol estavam presentes na história do Rio de Janeiro desde o princípio do século XX, fazendo parte das formas de manifestação das sociedades no decorrer do tempo, incluindo em seus números homens e mulheres. Com o advento dos movimentos dos anos 1960, as torcidas também foram contagiadas com o furor das ações da juventude, trazendo para dentro do futebol aspectos do cotidiano juvenil e incorporando suas lutas e nomenclaturas. Surgem então as torcidas jovens, reunindo

homens e mulheres que queriam participar de uma nova forma de torcer pelo seu time, e de se incluir no grande bojo dos movimentos da juventude.

AS TORCIDAS ORGANIZADAS CARIOCAS: JUVENTUDE, CONTESTAÇÃO E SILENCIAMENTO.

Pensar em juventude nos remete a um questionamento a respeito de qual grupo estamos nos referindo. Podemos falar então, em juventudes, como defende Rosana Teixeira da Câmara (2014). Ao perceber que é a sociabilidade entre grupos que determina as formas de conduta e produzem identidades capazes de se unir e formar um grupo juvenil determinado.

As juventudes brasileiras, portanto, em suas mais variadas organizações, participavam de diferentes projetos políticos e culturais, que visavam o questionamento da ordem estabelecida. Seja organizando passeatas, ou participando de eventos culturais, a juventude se reunia e criava espaços de sociabilidade para debater os mais variados temas e assuntos, um desses espaços, eram as torcidas de seus clubes.

Esses agrupamentos estavam embebidos do furor que envolvia a juventude ao redor do mundo. As duas primeiras torcidas jovens a surgir no Rio de Janeiro, a do Flamengo e do Botafogo, respectivamente, nomearam a primeira formação de sua torcida de “Poder Jovem”, concedendo às organizações torcedoras uma mística de poder que permeava toda a juventude da década.

As torcidas jovens surgem com o objetivo de questionar os seus clubes quando estes estão mal em algum campeonato, ou pressionar seus dirigentes sobre contratações ou outros atos que julgavam importantes ser tomados. A primeira torcida jovem carioca foi a torcida do Flamengo, criada em 1967 por sócios dissidentes da tradicional *Charanga Rubro-Negra*, que era chefiada pelo torcedor símbolo, Jaime de Carvalho, e recebeu o nome de *Poder Jovem do Flamengo*, reclamando para si toda a mística em torno do nome. No ano seguinte, foi a vez do Botafogo criar a sua torcida, o *Poder Jovem do Botafogo*, formado por um grupo de amigos da Rua Miguel Lemos, em Copacabana, que costumavam ir juntos aos jogos no estádio. No mesmo ano, a *Jovem Flu*, criada por um grupo de artistas, torcedores do Fluminense, dentre eles o ator Hugo Carvana, o compositor Chico Buarque de Hollanda e o jornalista Nelson Motta. É importante mencionar aqui, que a Jovem Flu aqui referida não se trata da atual e conhecida torcida do Fluminense, *Young Flu*, esta foi criada posteriormente, em 1970,

ainda que também recorresse ao peso do título jovem. O Vasco da Gama criará a sua torcida Jovem, a *Força Jovem do Vasco* no ano seguinte, em 1969.

O ato de torcer tem suas origens nos primórdios do esporte, e o uso desse verbo para designar a ação de assistir e manifestar sentimentos em um jogo de futebol deve-se, sobretudo as mulheres, que, como nos relata Capellano (1999) consagraram expressão “torcer”. Como não era bom para uma dama manifestar de forma intensa seu amor pelo seu time, se descabelando ou gritando como faziam os homens, elas levavam para os estádios pedaços de pano, que torciam durante a partida como forma de aliviar sua tensão, e torciam esses lenços durante toda a partida, sendo a partir daí, chamadas de torcedoras. Expressão que depois se popularizou e se expandiu para ambos os sexos.

Hoje, contudo, as mulheres sofrem preconceitos até ao exercer o ato de torcer. Segundo Binello, Conde, Martínez e Rodriguez (2000), é relegado a elas um papel secundário, usando de alegação muitas vezes o argumento de que por não jogar futebol, as mesmas não entendem os aspectos técnicos e táticos do jogo, ou ainda que não podem ser tão apaixonadas quanto os homens, que vão para o estádio simplesmente acompanhar namorados, maridos, pais, irmãos ou alguém do sexo masculino que vai ao estádio realmente torcer pelo seu time.

A presença feminina nas arquibancadas em fins da década de 1960 pode ser percebida através de menções a esta no extinto Jornal dos Sports. Periódico esportivo criado ainda na primeira metade do século XX, pelo Jornalista Mario Filho, que hoje dá nome ao maior estádio do Rio de Janeiro, o Maracanã.

Em uma reportagem desse periódico esportivo bastante representativa intitulava-se “Vasco tem mil bossas”. A reportagem narrava o dia de um jogo do Vasco *versus* Botafogo, onde o líder da torcida organizada do Botafogo, Tarzan, divulgava as estratégias da torcida para o espetáculo. Por outro lado, dona Dulce Rosalina, lider da TOV – Torcida Organizada do Vasco – afirma que o Vasco não vai ‘deixar barato’, e que uma torcedora do Vasco, de apenas 15 anos, chamada Katia Sale, havia composto até uma marchinha para o jogo. A letra era a seguinte:

*“Com a minha bandeira vou para o Estádio ver
Vou tranquila porque
Sei que o Vasco vai vencer
Danilo, Buglê e Nei
Me fizeram esquecer*

*Os dias tristes que passei
Agora tudo é alegria
Agora tudo é motivação
O expressinho voltou
é o Vasco campeão.”³*

Essa reportagem demonstra não só a liderança de dona Dulce Rosalina na torcida do Vasco, como também a participação feminina em papéis importantes dentro da torcida, compondo músicas para a partida. As músicas sempre foram um artifício muito usado pelas torcidas, e o são ainda hoje. Começando com a paródia de marchinhas de carnaval e passando por diversos ritmos musicais, os cantos animam a torcida e exaltam os feitos dos times durante a partida.

Algumas reportagens nos permitem também perceber a respeito dos valores e dos conceitos de moralidade vigentes à época, bem como os machismos proferidos que eram, grosso modo, naturalizados.

Na notícia “Só Rubro-negro grita alto na geral”, o jornalista narrava um evento onde um homem estava xingando o juiz próximo a umas torcedoras e a dois policiais. Quando as torcedoras o acompanharam no xingamento, o repórter alegou que o sujeito não poderia ser repreendido, visto que as torcedoras o acompanharam nas ofensas ao juiz.⁴ Podemos inferir a partir daí, o posicionamento masculino diante da presença feminina, bem como os comportamentos que eram considerados impróprios mas que, em dia de jogo e na torcida, eram permitidos.

Uma última reportagem a ser mencionada intitula-se “Fla cantou como nunca”⁵. O título, que pode ser interpretado com duplo sentido, referia-se a um fato ocorrido nas arquibancadas do Flamengo em um jogo contra o Vasco. A reportagem, reproduzida a seguir, demonstra, fundamentalmente, a presença feminina nas arquibancadas e seu interesse em observar a partida. Além de servir de pano de fundo para debates mais amplos a respeito do machismo sofrido pelas torcedoras nas arquibancadas. Muitos dos quais permanecem até hoje.

O lado rubro-negro ficou agitado quando uma mulher passou com uma bandeira vascaína. Foi vaiada e salva de maiores problemas

3 Vasco tem mil bossas. Jornal dos Sports. 28/04/1968. Pg. 8.

4 Só Rubro-Negro grita alto na geral. Jornal dos Sports. 12/06/1968. Pg.12.

5 Fla cantou como nunca. Jornal dos Sports. 02/05/1968. Pg. 10

por um rubro-negro mais gentil que lhe deu cobertura. Outro mais fanático agrediu o próprio companheiro por ajudar o inimigo. No meio da agitação, duas belezas flamenguistas pedem licença para conseguir um lugar mais confortável na arquibancada. E a turma rubro-negra esquece a guerra para brindar suas apetitosas torcedoras com os fiu-fius indispensáveis. (JS. 02/05/1968).

É importante mencionar que não é propósito desse trabalho argumentar que as mulheres eram ou são majorias nas arquibancadas cariocas, não é possível afirmar tal fato. A intenção aqui é demonstrar que, independente dos números, as mulheres sempre marcaram presença nas arquibancadas, torcendo pelos seus times e muitas vezes exercendo papéis importantes dentro das torcidas. O silenciamento da historiografia a respeito da presença feminina deve ser combatido, inclusive como uma maneira de contribuir para que as mulheres ganhem cada vez mais voz como agentes históricas no espaço público.

A CRESCENTE PARTICIPAÇÃO FEMININA: A ASTORJ E AS FORMAS E TORCER ATUAIS.

Data de 1973, segundo o site do clube⁶, a fundação da torcida feminina ‘Camisa 12’ do Vasco da Gama, criada por sócias do Clube de Regatas, a torcida acompanhava o time nas arquibancadas do Rio de Janeiro, vestindo uma camisa de número 12. Apesar de não ter encontrado dados referentes à sua extinção⁷, a torcida teve uma vida relativamente longa, visto que em 1991, comemoravam, na sede do clube, seus 18 anos de existência.

Na década de 1980, as torcidas jovens já estavam consolidadas e já haviam conquistado definitivamente seus espaços nas arquibancadas cariocas, muitas delas, inclusive, já haviam se subdividido e dado origem a outras torcidas organizadas. A situação econômica do país à época não era das melhores. Com a derrocada do milagre econômico da ditadura militar brasileira, o Brasil vivia uma grande crise inflacionária, que assolava a todos, e principalmente os mais pobres. Nessa conjuntura, nasceu a ASTORJ – Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro – que reuniu líderes

⁶ Em 1975, Torcida Organizada Feminina ‘Camisa 12’ fazia até propaganda. NetVasco, 05/07/2013.

⁷ Até o presente momento não foram encontrados dados referentes a permanência da torcida nas arquibancadas, o que leva a consideração de que a mesma tenha deixado de fazer parte das arquibancadas cariocas.

de diversas torcidas organizadas cariocas, para pleitear uma série de reivindicações, a principal delas a redução no preço dos ingressos, além de lutar por assento e direito a voto no encontro anual da FERJ (Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro).

Em 1983, segundo nos conta Leonardo Teixeira (2013), a ASTORJ, diante de um novo aumento dos preços nos ingressos, incluiu em suas reivindicações uma nova pauta: a solicitação de meia entrada para o público feminino. Segundo reportagem do Jornal Última Hora⁸ sobre o fato, intitulada “Aumentaram os ingressos”, o pedido foi prontamente negado, alegando-se que todos iriam tornar-se mulher.

Os fatos supracitados são importantes pois demonstram, novamente, a presença feminina recorrente e constante nos estádios, formando torcidas e reivindicando redução nos ingressos, pauta que não seria incluída caso não houvesse demanda.

Em fins da década de 1980 e início da década de 1990, houve grande aumento de violência entre as torcidas organizadas cariocas, e nacionais. Culminando, inclusive, em São Paulo, em episódio que ficou conhecido como Guerra do Pacaembu⁹, que deixou muitos feridos e mortos. Diante desse panorama violento, acreditou-se que as mulheres se afastaram dos estádios. Contudo, como afirma Leda Costa (2007), durante esse período, houve uma diminuição do público geral nos estádios, em função do aumento da violência. Alegar somente o afastamento feminino é um equívoco, visto que muitos homens também se afastaram. Devido a menor presença feminina, sua ausência pode ter sido mais sentida, porém o afastamento ocorreu de maneira igualitária por ambos os sexos.

Atualmente, a presença feminina nos estádios é cada vez mais ativa, e tem culminado na criação de setores femininos em diversas torcidas organizadas do Rio, como acontece, por exemplo, nas torcidas Raça Rubro-Negra e Jovem Fla, do Flamengo, que tem seus pelotões femininos.

No Fluminense Football Club, há uma torcida inteiramente feminina, chamada FLU MULHER. A torcida, considerada a primeira torcida oficial inteiramente feminina do país, segundo reportagem do jornal Lance! Intitulada “Flu Mulher: Pioneirismo em torcida organizada feminina”¹⁰, consta com 150 associadas que frequentam aos estádios acompanhando os jogos do Fluminense.

8 Aumentaram os ingressos. Jornal Última hora, 28/06/1983. pg. 12.

9 Cf. TOLEDO, Luiz Henrique de. Identidades e conflitos em campo. A “guerra do Pacaembu”. Revista USP. São Paulo. Dez/ fev. 1996/97.

10 Lance! Flu Mulher: Pioneirismo em torcida organizada feminina, 08/03/2017.

Além disso, é interessante mencionar a criação do movimento ‘Mulheres de Arquibancada’, que começou como uma ação virtual e hoje promove encontros regionais e nacionais ao redor do país, buscando reunir mulheres de diversos times, muitos deles diretamente rivais, como é o caso do Rio de Janeiro, onde as integrantes da comissão são torcedoras dos quatro maiores times cariocas, visando debater assuntos como violência no estádio, machismo, preconceitos e a não participação feminina em organizações como a ANATORG (Associação Nacional das Torcidas Organizadas).

Diante disso, é importante ratificar que a presença feminina nas arquibancadas cariocas vem de longa data e só tende a crescer cada vez mais. Com as conquistas dos movimentos feministas de ondas anteriores e aquelas que, gradativamente, são alcançadas, as mulheres cada vez mais ocupam espaços que antes eram considerados masculinos e quebram o silenciamento e a invisibilidade sobre sua presença e participação em diversos espaços. A ideia antes repetida no senso comum de que ‘futebol é coisa de homem’ já não se sustenta mais, e cada vez fará menos sentido.

CONCLUSÃO.

Iniciadas em fins dos anos 1960, sob um contexto nacional de repressão e cerceamento das liberdades, as torcidas jovens cariocas vieram para ficar, e existem, depois de algumas modificações, é claro, até hoje.

A mulher, que deixa o espaço privado e alcança o espaço público, buscando ocupar lugares que antes não eram considerados seus, chega às arquibancadas e às torcidas organizadas, marcando sua presença e permanecendo, ao longo do tempo, como membro ativo e importante nas torcidas cariocas.

Seja atuando nas torcidas mistas, produzindo cantos, ou fundando novas torcidas e movimentos inteiramente femininos, a mulher tem realizado o papel de torcedora em um esporte que, por muito tempo, foi considerado fundamentalmente masculino. E tem demonstrado, no decorrer dos anos, que o futebol é também coisa de mulher, e que o lugar da mulher, é onde ela quiser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BINELLO, Gabriela; CONDE, Mariana; MARTÍNEZ, Analia; RODRIGUEZ, Maria Graciela. **Mujeres y fútbol: ¿ Territorio conquistado o a conquistar?** In: ALABARCES, Pablo (org). Peligro de gol: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina, Buenos Aires: Clasco. 2000.
- CÂMARA, Rosana Teixeira. **Os perigos da Paixão. Visitando Jovens torcidas Cariocas.** São Paulo: Annablume. 2003.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O mito da Rebeldia da Juventude – Uma abordagem sociológica.** Educação em debate, Fort 13. Jan-Jun 1987.
- COSTA, Leda Maria. **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto representação do público feminino de futebol.** Esporte e Sociedade, n.4. Rio de Janeiro. 2007.
- CRUZ, RossanaReguillo. **Emergencia de culturas juveniles. Estrategias del desencanto.** Grupo Editorial Norma. 2000
- GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.
- PEDRO, Joana Maria. **Os feminismos e os muros de 1968 no Cone Sul.** Revista Clio, nº26. 2008.
- PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. **A emergência da pesquisa da História das mulheres e das Relações de gênero.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 2, nº 54. 2007.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Editora Contexto. 2017.
- RIDENTI, Marcelo. **1968: Rebeliões e Utopias.** In: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). O século XX: O tempo das dúvidas Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- TEIXEIRA, Leonardo Antonio de Carvalho. **Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989).** 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2013.